
O Corpo nos Ecossistemas Comunicativos: Desdobramentos para a Educomunicação¹

Ricardo BARRETTO²
Universidade de São Paulo, São Paulo-SP

RESUMO

Os ecossistemas comunicativos designam a relação entre sujeito e mídias e são base para desdobramentos teóricos em diferentes autores da Educomunicação. O conceito vai além ao abarcar a mudança da percepção sensível no contato entre humano e tecnologia. Essa transformação do *sensorium* é referência para a Comunicação e as Ciências Humanas e também estabelece conexão com a Neurociência, cujo entendimento sobre a cognição humana refuta a separação entre corpo e mente. Pelo contrário, aponta que o pensamento e as habilidades perceptivas e expressivas são resultado de uma ação integrada do corpo, não apenas do cérebro. Portanto, a mudança de *sensorium* associada aos ecossistemas comunicativos implica tratar também do corpo, o que representa novas possibilidades de reflexão e prática para a Educomunicação na era das tecnologias digitais em rede.

PALAVRAS-CHAVE: educomunicação, corpo, cognição, *sensorium*, tecnologia

TEXTO DO TRABALHO

A ideia de ecossistema comunicativo atravessa o campo da Educomunicação a partir do conceito introduzido por Martín-Barbero pela primeira vez no ano 2000. Na formulação inicial, o autor identifica ecossistema comunicativo com a relação entre sujeitos e as diversas tecnologias que caracterizam a cultura digital contemporânea - englobando dos cartões magnéticos até as extensas vias da Internet.

Esse costuma ser o ponto de partida de diferentes autores que refletem sobre a Educomunicação, quando citam o conceito emblemático de Martín-Barbero para então atualizá-lo. Soares (2004) propõe uma ampliação ao fazer referência, por exemplo, a uma perspectiva integradora da educação e da tecnologia, na qual não há um único modelo de ecossistema comunicativo:

¹ Trabalho apresentado no GP Comunicação e Educação, XIX Encontro dos Grupos de Pesquisas em Comunicação, evento componente do 42º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

² Especialista em Redes Digitais e Sustentabilidade, pela ECA-USP, e mestrando do curso de Ciências da Comunicação, da ECA-USP, e-mail: ricardo@conecsoma.com.br

“O resgate da aprendizagem como espaço produtor de sentidos em processos pedagógicos tem sido, por exemplo, uma das contribuições do argentino Daniel Prieto para a análise das relações tecnologia/educação. Segundo este autor, o desenho conceitual para introduzir as tecnologias ao serviço da educação é primordialmente comunicacional. Por outro lado, o denominado deslocamento dos centros de aprendizagem, tanto das fontes do saber quanto dos atores do processo educativo, compromete seriamente o tipo de modelo comunicacional que dá suporte a estas práticas formativas. Não existe, pois, apenas um modelo de ecossistema comunicativo, mas diversos, segundo os graus de interatividade presentes nos processos de trocas simbólicas.” (SOARES, 2004, p. 7-8)

Na perspectiva específica da Educomunicação, a abordagem de Tavares Jr. oferece uma definição mais detalhada sobre como operam na prática os ecossistemas comunicativos:

“Quanto aos conceitos difundidos pela teoria educ comunicativa podemos entender ecossistema comunicativo como o conjunto de ações que viabilizem a promoção e ampliação das relações de comunicação entre as diversas pessoas e instâncias que compõem a comunidade educativa. Inclui desde a organização do ambiente até a disponibilização dos recursos. Estimula a descentralização do poder, o diálogo, a interação e a abertura de espaço para diferentes experiências e vivências culturais. Avalia a qualidade das relações interpessoais buscando harmonia e equilíbrio em ambientes em que diversos atores possam conviver com diferentes tecnologias e meios de expressão.” (TAVARES JR. 2007, p.72)

Em outra abordagem, Consani (2011) conecta os ecossistemas comunicativos à noção de comunidade:

“O conceito de “ecossistema comunicativo” identifica-se com a noção de comunidade educativa desde que seja articulado transversalmente por processos comunicativos, o que pressupõe a gestão compartilhada de processos, a horizontalidade de organograma (empowerment) e o estímulo ao protagonismo.” (CONSANI, 2008, p.40)

Todos estes desdobramentos da proposição inicial de Martín-Barbero ajudam a delinear um entendimento atualizado sobre os ecossistemas comunicativos e como são fundamentais na relação entre Educação e Comunicação.

Para a discussão que fazemos agora, cabe ressaltar, no entanto, uma ênfase pouco lembrada no conceito original de Martín-Barbero (2000): a mudança do *sensorium*. O

autor explica este termo ao afirmar que ele se revela mais visivelmente nos mais jovens, por meio de:

“(...) suas empatias cognitivas e expressivas com as tecnologias, e nos novos modos de perceber o espaço e o tempo, a velocidade e a lentidão, o distante e o próximo, que elas entranham.

Trata-se de uma experiência cultural nova, ou como W. Benjamin o chamou, um sensorium novo, uns novos modos de perceber e de sentir, de ouvir e de ver, uma nova sensibilidade que em muitos aspectos choca e rompe com o sensorium dos adultos.”³ (MARTÍN-BARBERO, 2000, p. 37)

É inegável que os jovens demonstram na prática uma propensão maior a absorver e lidar com a tecnologia, e forjar um universo cultural integrado ao digital reticular. Cabe notar, no entanto, que aquele susto e estranhamento iniciais dos adultos com a nova cultura digital em rede, que emergia há mais de 20 anos, já não é o mesmo, tendo os mais velhos também aderido, em diferentes intensidades, às redes sociais, aos *smartphones*, aos *memes*, *apps*, serviços digitais e todo tipo de conectividade.

O ponto central dessa observação é que esta mudança de sensorialidade é um fenômeno que se alastrou por diferentes espectros da sociedade. E isso indica novos modos das pessoas estarem no mundo, interpretarem estímulos e situações, expressarem impulsos e reações, construir pensamento.

Assim, a noção de transformação do *sensorium*, proposta por Benjamin e resgatada por Martín-Barbero, é um elemento-chave para compreender por completo a dimensão humana nos ecossistemas comunicativos. E, mais ainda, na perspectiva da Comunicação como um todo. É o que nos lembra outro autor emblemático, que também bebe no conceito de Benjamin. Quando Marshal McLuhan afirma que “*o meio é a mensagem*”, não está se restringindo aos fatores de transporte de informação e produção de narrativas associados às mídias. Está aludindo também a como as qualidades sensoriais e cognitivas associadas às diferentes mídias torna-se ponte para novos modos de perceber, expressar-se e refletir sobre o mundo.

³ Livre tradução para o trecho a seguir: “*(...) en sus empatías cognitivas y expresivas con las tecnologías, y en los nuevos modos de percibir el espacio y el tiempo, la velocidad y la lentitud, lo lejano y lo cercano, que ellas entranan. Se trata de una experiencia cultural nueva, o como W. Benjamin lo llamó, un sensorium nuevo, unos nuevos modos de percibir y de sentir, de oír y de ver, una nueva sensibilidad que en muchos aspectos choca y rompe con el sensorium de los adultos.*”

“Quem ainda se sinta inclinado a duvidar que a roda, a fotografia ou o avião alteram nossos hábitos de percepção sensível, não pode mais duvidar ante a iluminação elétrica. Neste domínio, o meio é a mensagem, e quando a luz está ligada, há um mundo sensorio que desaparece quando a luz está desligada.”
(MCLUHAN, 1964, p. 150)

Essa é a dimensão do *sensorium* às vezes menosprezada nas leituras sobre o conceito de McLuhan, assim como recebe menos ênfase nas leituras sobre a reflexão de Martín-Barbeiro quanto aos ecossistemas comunicativos. A motivação para deixar mais evidente a correlação entre sensorialidade, comunicação e ecossistemas comunicativos reside, em primeiro lugar, na possibilidade de fortalecer perspectivas já existentes na Educomunicação: como das trocas simbólicas e qualidades de interação salientadas por Soares (2004); ou das qualidades de diálogo, interação, experiências, vivências culturais, relações interpessoais e modos de expressão destacados por Tavares Jr. (2007); e as dinâmicas de constituição de comunidades, referidas por Consani (2008).

Mas existe uma segunda motivação: abordar a transformação da sensorialidade na relação entre educação, comunicação e tecnologia tem a potência de vencer as limitações de um paradigma que ainda hoje reduz a potência dessa relação, tanto do ponto de vista conceitual, como na perspectiva prática. O viés cartesiano do pensamento ocidental sintetizou por séculos os modos de ser e agir das pessoas como produtos exclusivos da mente que, por este mesmo viés, seria um resultado específico da atividade cerebral.

Felizmente, há algumas décadas esse tipo de segmentação passou a ser desafiada por novos questionamentos da história do pensamento e descobertas da Neurociência. Esta área do conhecimento vem modificando noções que pareciam cristalizadas sobre a cognição humana e hoje já não trabalha mais com a ideia de que o pensamento humano é um produto exclusivo do cérebro. Mas, sim, um desdobramento da integração entre diferentes sistemas, camadas e funções do corpo, que conjuntamente dialogam com estímulos internos e externos, produzindo a cognição. Um dos autores mais emblemáticos, Antonio Damasio, esclarece:

“(i) O cérebro humano e o resto do corpo constituem um organismo indissociável, integrado por meio de circuitos bioquímicos e neurais reguladores (incluindo componentes neurais endócrinos, imunes e autonômicos); (2) O organismo interage com o ambiente com um conjunto; a interação não é nem do corpo sozinho nem do cérebro sozinho; (3) As operações fisiológicas que chamamos de mente são derivadas do conjunto estrutural e funcional e não do cérebro isoladamente; fenômenos mentais podem ser inteiramente entendidos apenas no contexto de um organismo interagindo em um

*ambiente. O fato do ambiente ser, em parte, um produto da própria atividade do organismo, apenas ressalta a complexidade das interações que temos de levar em conta.*⁴ (DAMASIO, 1994, p. 16-17)

A constatação de Damasio aponta não só para a completa integração entre o cérebro e o “resto” do corpo, no contexto da cognição, como também salienta o diálogo contínuo entre corpo e ambiente para a constituição da mente.

Essa perspectiva, que se tornou fundamental no campo da Neurociência, também está presente em reflexões recentes no campo das Ciências Humanas. É o que elucida Ferreira (2013) ao identificar o surgimento de um “paradigma animista”, no pensamento contemporâneo, que reúne um conjunto de abordagens sociológicas que dão vida (*anima*) à carne, anteriormente resumida à condição epistemológica de discurso, material ou ideal.

“Os conceitos de “corpo vivido” e de “encarnação” explorados neste paradigma trazem para o centro da discussão sociológica o pressuposto da indivisibilidade entre o sujeito e a sua carne, ultrapassando dualidades e dualismos enraizados na história do pensamento sobre o corpo.” (FERREIRA, 2013 p. 521)

Essas recentes contribuições da Neurociência e das Ciências Humanas trazem desdobramentos interessantes para o entendimento dos ecossistemas comunicativos. O primeiro e mais imediato deles é que a transformação do *sensorium*, apontada por Martín-Barbeiro, implica uma transformação no corpo. É o corpo integrado, em diálogo com as tecnologias digitais e todo o contexto social que as envolve, que entra em contato, interpreta, sente, compreende, reflete, reage, expressa e ressignifica o ser e estar de cada sujeito nesse novo contexto, revelando assim um novo *sensorium*.

Essa mesma perspectiva do *sensorium*, resgatada de Walter Benjamin por Martín-Barbeiro, em McLuhan é base para reconhecer também uma transformação de sociabilidade que vem imbricada à mudança de sensorialidade. Di Felice faz referência a McLuhan para esclarecer a relação entre mudança de sensorialidade e mudança de sociabilidade: “*O seu ponto de partida está na constatação de que a introdução de um*

⁴ Livre tradução: “(i) *The human brain and the rest of the body constitute an indissociable organism, integrated by means of mutually interactive biochemical and neural regulatory circuits (including endocrine, immune, and autonomic neural components); (ii) The organism interacts with the environment as an ensemble: the interaction is neither of the body alone nor of the brain alone; (iii) The physiological operations that we call mind are derived from the structural and functional ensemble rather than from the brain alone: mental phenomena can be fully understood only in the context of an organism's interacting in an environment. That the environment is, in part, a product of the organism's activity itself, merely underscores the complexity of interactions we must take into account.*”

novo médium em uma cultura muda o 'equilíbrio sensorial' e, conseqüentemente, as formas e as práticas das interações.” (DI FELICE, 2009, p. 161)

Para Di Felice, uma característica distintiva das sensorialidades e sociabilidades que surgem na era das tecnologias digitais em rede é a constituição de uma nova forma de habitar⁵ o mundo, de caráter reticular e transorgânico, que ele denomina de *habitar atópico*:

“O resultado do surgimento desse novo social interativo e ilimitado é a construção de uma sociabilidade e um habitar pós-territorial. Além da arquitetura e da geografia, o habitar atópico não é mais ligado às coordenadas topográficas nem a um genius loci, mas a fluxos informativos e a uma espacialidade morante, nem externa nem interna, um habitar nem sedentário nem nômade que por meio da tecnologia wireless e da computação móvel, faz do corpo o suporte da informação, aglomerando a “biomassa” com a “infomassa”, numa inter-relação fluida.” (DI FELICE, 2009, p. 226)

Essa nova forma do habitar, caracterizada pela perspectiva reticular da tecnologia, do ambiente, do ser e das relações em sociedade, está enraizada nas mudanças de sensorialidade atreladas ao digital. Daí a pertinência em incluir o corpo na noção de ecossistemas comunicativos: um não existe apartado do outro. A esse respeito cabe resgatar aqui reflexão realizada em estudo anterior:

(...) mesmo o que parece uma relação estritamente orgânica, fatalmente será apropriada pela dimensão transorgânica do corpo, uma vez que uma experiência de conexão com a natureza, o luar, as mudanças climáticas, a biodiversidade, os serviços ecossistêmicos, as geografias eventualmente serão digitalizados, guardados em nossa memória virtual, compartilhados na rede, acessados e comentados em nossas extensões tecnológicas.

Vimos, portanto, que as mudanças sensoriais e perceptivas associadas ao habitar atópico estimulam um reconhecimento do reticular no mundo – uma nova percepção das conexões das coisas e dos processos naturais e antropogênicos e seus desdobramentos. Ao mesmo tempo em que estimulam o reconhecimento da condição reticular e fractal do corpo próprio e de tornar suas potencialidades, sua capacidade perceptiva, sensitiva, cinética, psico e biofísica unas com o habitar do mundo.” (BARRETTO, 2013, p.66-67)

Neste sentido, a perspectiva do *habitar atópico* modifica não só nossos entendimentos sobre o humano, mas sobre o ambiente e a própria tecnologia, conforme postula Di Felice:

⁵ Di Felice (2009) indica que as formas de habitar são resultado de uma simbiose entre o ser humano, sua percepção do mundo, as tecnologias midiáticas e a natureza, influenciadas pelas dinâmicas comunicativas de cada época.

“A impossibilidade de perfeita distinção dos limites que separam os nossos corpos do mundo e daqueles outros entrepostos entre os instrumentos técnicos e a nossa percepção, induz, em nossos dias a necessidade de repensar os significados e as formas das relações comunicativas com o ambiente, a partir das tecnologias utilizadas para comunicar com ele. O próprio conceito de mídias, analisado nesta perspectiva, pode ser pensado, no caminho dos estudos propostos por D. De Kerckhove [2009], como uma psicotecnologia, ou seja, como uma tecnologia de inteligência, que interpreta e organiza as informações em simbiose com a nossa estrutura mental (...)” (DI FELICE, 2009, p. 63-64)

Temos aí um duplo convite. De um lado, não há mais como pensar corpo e ambiente sem pensar também em tecnologia. De outro, compreender as possibilidades de uso das tecnologias, de produção midiática, de transformação dos sujeitos a partir das interações com os dispositivos digitais e, também, das relações entre Comunicação e Educação significa um convite para reconhecer e explorar como o corpo é implicado e afeta todos esses elementos.

O pano de fundo para essa leitura é o da perspectiva da complexidade, tal qual formulada por Morin:

“O que é a complexidade? A primeira vista, a complexidade é um tecido (complexus: o que está tecido em conjunto) de constituintes heterogêneos inseparáveis associados: apresenta o paradoxo do uno e do múltiplo. Ao mirar com mais atenção, a complexidade é, efetivamente, o tecido de eventos, ações, interações, retroações, determinações, acasos, que constituem nosso mundo fenomênico. Assim é que a complexidade se apresenta com as linhas inquietantes do emaranhado, do inextricável, da desordem, da ambiguidade, da incerteza (...)” (MORIN, 1994, p. 32)

A perspectiva da complexidade também permite identificar que não existe uma relação linear ou de causa e efeito no surgimento de uma conexão íntima entre tecnologia e sensorialidade, uma vez que ambos elementos se alimentam reciprocamente. É o tipo de dinâmica que Morin (1994) denomina recursividade. Isto significa que, ao mesmo tempo em que as novas tecnologias influenciam o modo de perceber e agir no mundo, propiciando uma perspectiva em rede sobre diferentes fatos, essas próprias tecnologias também são fruto de uma perspectiva em rede já latente no pensamento humano. Assim, um fenômeno alimenta o outro, sem que se possa definir exatamente quem gerou quem.

Inevitável que essa dinâmica se observe também na relação com o corpo, revelando justamente a ideia de mudança do *sensorium* aludida por Martín-Barbeiro

(2000). Em outras palavras, as transformações da percepção sensível nutrem e são nutridas pelas dinâmicas das tecnologias digitais reticulares; e instigam e são instigadas por uma sociabilidade nova, atravessada pelos fluxos conectivos entre seres humanos, natureza e tecnologia.

Essa perspectiva reticular, que passa a se expressar com frequência nas ações e pensamentos na sociedade contemporânea, irá se revelar em situações tão diversas como a abordagem sistêmica da Neurociência sobre a cognição e o corpo; o entendimento da sociedade e do meio ambiente como sistemas integrados e interdependentes; os novos modos de acompanhar a política de um país, por meio de mídias digitais e ativismos em rede; as disputas em *games* eletrônicos com times formados por pessoas em diferentes partes físicas do globo; as manipulações da opinião pública por meio de *fake news* que se disseminam pelo disse-me-disse nos aplicativos de mensagens etc.

Esses, entre tantos outros exemplos possíveis, poderiam ser pauta de reflexão e prática nas abordagens educomunicativas, na produção de conteúdo comunicacional, na realização de aulas e debates educativos.

Mas o foco específico aqui é reconhecer a assimilação de que as redes que configuram os ecossistemas comunicativos também incluem o corpo em sua totalidade sistêmica. Desse modo, que novos caminhos e perspectivas na Educomunicação emergem do corpo enquanto universo do *sensorium* na era digital?

Um primeiro desdobramento relevante é que, ao adicionarmos o corpo entre os elementos que compõem os ecossistemas comunicativos, propomos uma ampliação do sentido de Comunicação que permeia esse conceito. Teríamos, desse modo, algo mais próximo da definição de Muniz Sodré, da ciência do comum, “*em que a comunicação se configura como forma reguladora, imprescindível ao laço coesivo com o socius ou a convivência.*” (SODRÉ, 2014, p.232) O que envolve diferentes tipos de formas de diálogo e fluxos orientados à construção do comum, incluindo aqueles que atravessam o corpo presente e os estados virtuais da presença humana no contemporâneo.

Outro desdobramento é que a Educomunicação passa a ter diante de suas esferas de conhecimento e de prática o desafio de incluir o corpo vivo, não só como objeto e sujeito de discursos, mas como dimensão experiencial e da complexidade do humano, conforme ajuda a refletir Selgas:

“(...) ressaltar o caráter ‘encarnado’ da nossa identidade e da nossa experiência, e centrar a atenção na constituição dos agentes sociais, conduz-nos a ver as duplas naturezas que habitam o nosso corpo: é carne e osso, mas também entidade social; é símbolo primeiro do self, mas também da comunidade; é algo que temos e algo que somos, que nos tem; é individual e único, mas também é comum a toda a humanidade; é ao mesmo tempo objeto e sujeito.” (SELGAS, 1994, p. 45)

O corpo não é, portanto, apenas aquele que opera mídias; que expressa concepções da cultura, padrões sociais, formas de controle e dinâmicas do mercado; ou que apenas pensa, fala e move. O corpo continua percebendo o mundo, agindo e interagindo por meio de emoções, sentimentos, instintos, impulsos, desejos, movimento, sensorialidades e todas as singularidades que são próprias deste sistema vivo em constante diálogo interno e externo.

E que potências podem ser destravadas no sujeito ao se estimular todo o universo corporal no fazer educacional, sem subjugá-lo ao papel de veículo para um cérebro pensante?

Essa é uma questão que demanda respostas forjadas na prática. A Neurociência e as Ciências Humanas já nos informam que o humano é mais potente quando o universo corporal integrado e conectivo deixa de ser negligenciado como produtor de experiência e conhecimento.

Mas algumas pistas podem ser capturadas de uma outra área que se hibridiza com a da Educação e que propõe alimentar a consciência corporal e as potências psicomotoras do corpo em suas múltiplas camadas para gerar transformações na percepção, na produção de conhecimento, nos modos de ser e estar do sujeito.

Trata-se das abordagens de educação somática, que são práticas que desenvolvem a propriocepção, a habilidade de reconhecer as estruturas e dinâmicas sutis internas do corpo e a capacidade do ser humano construir movimento e interagir com o espaço e os outros para além dos padrões psicomotores herdados e ensinados.

“Ao acordar, ao sensibilizar uma dada articulação, adquirei mais um ponto de equilíbrio em meu corpo, e isso acaba agindo sobre todo o resto, inclusive sobre coisas que aparentemente nada têm que ver com músculos e articulações, como a atividade intelectual.” (VIANNA, 2005:99)

Neste exemplo singelo e específico, Klauss Vianna, desenvolvedor de um método único e brasileiro de educação somática, indica a potência que o corpo estimulado em toda sua dimensão sistêmica pode trazer para a produção de conhecimento e autoconhecimento. Mas também a percepção em nível coletivo está ao alcance dessas transformações, como nos esclarece outro mestre da educação somática:

“A modificação do imaginário deve ocorrer na forma de uma experiência coletiva, numa relação de troca com o grupo, numa sala de aula, por exemplo. O aluno se desenvolve observando o outro, testemunhando a ação do colega. Por meio de estímulos trazidos pelo professor e pelos companheiros, as trocas começam a ocorrer, desencadeando uma rede de mútuas influências benéficas. A imaginação, materializada em modos diversos de expressão, passa a não mais se contentar com o programa de TV desprovido de ideias, com o texto mal elaborado, com a música fácil.” (BERTAZZO, 2004, p. 31)

Essas referências propõem uma mudança de modelo mental nas atividades educacionais, ao refutar a separação entre corpo e mente própria do paradigma cartesiano, como já tem ocorrido também nas Ciências Humanas:

“Corpo e mente, corpo e pensamento, corpo e imagem constituem obstáculos para as narrativas da ciência. Ao priorizarem as relações sociais como foco analítico, as ditas humanidades esquecem-se de que sentidos, sentimentos, imagens corporais integram e delimitam o mundo da vida. Creditada ao paradigma cartesiano, essa dualidade impede que uma hominescência⁶ – um diferencial da hominização – seja posta em prática nos dias atuais.” (CARVALHO, 2008, p. 27)

Os modos pelos quais esse tipo de destravamento pelo do corpo pode ser transposto ao campo da Educomunicação são muitos: práticas corporais específicas para estímulo da perspectiva integrada do pensamento individual e coletivo; desenvolvimento de atividades que potencializam a construção de conhecimento e de habilidades comunicativas a partir do estímulo da sensorialidade e de habilidades corporais; realização de projetos que instiguem o lado expressivo do corpo em consonância com a produção midiática na educomunicação; construção de conhecimento coletivo e debates a partir de etapas anteriores de sensibilização da consciência corporal e da construção de movimento; mergulho experiencial nas dinâmicas em rede do corpo para elucidar a

⁶ Conceito de Serres (2003) que remete à possível experiência de florescimento ser humano na contemporaneidade.

condição reticular da era digital e do meio ambiente sistêmico; entre muitas outras possibilidades.

Não importa a forma, o que está em proposição neste artigo, realizado a partir de revisão bibliográfica interdisciplinar, é que o campo da Educomunicação – que historicamente emergiu entre brechas e resistências e que já tem se aberto ao campo das artes, por exemplo – tem adiante mais uma possibilidade de ampliação de estudo e prática, a partir da assimilação do corpo vivo como parte dos ecossistemas comunicativos que estruturam seu foco de atuação. Apropriar-se dessa possibilidade é avançar para além do paradigma cartesiano de segmentação entre corpo e mente e, principalmente, aprofundar o sentido de transformação do sujeito que é definidor da reflexão e das práticas em Educomunicação.

REFERÊNCIAS

BARRETTO, Ricardo. **Corpo e sustentabilidade no habitar atópico**: antigas e novas relações entre ser humano, natureza e tecnologia. Monografia de Especialização. São Paulo: ECA-USP, 2013.

BERTAZZO, Ivaldo. **Espaço e Corpo**: Guia de Reeducação do Movimento. São Paulo: SESC, 2004.

CARVALHO, E. Diálogos do corpo. *In*: GARCIA, W. (Org.). **Corpo & interatividade**: estudos contemporâneos. São Paulo: Factash Editora, 2008.

CONSANI, Marciel. **Mediação Tecnológica na Educação**: Conceito e aplicações. Tese de Doutorado, São Paulo: ECA/USP, 2008.

DAMASIO, A. **Descartes' error**: emotion, reason and the human brain. NYC: Avon Books, 1994.

DE KERCKHOVE, D. **A pele da cultura**. São Paulo: Annablume, 2009.

DI FELICE, M. **Paisagens pós-urbanas**: o fim da experiência urbana e as formas comunicativas do habitar. São Paulo: Annablume, 2009.

FERREIRA, V. S. Resgates sociológicos do corpo: esboço de um percurso conceptual. **Análise Social**. Lisboa, 208, xlviii (3.º), 2013.

MARTÍN-BARBERO, Jesús. Retos culturales: de la comunicación a la educación. **Nueva Sociedad**. Caracas, n.169, sep.-oct. 2000, p.33-43.

MCLUHAN, M. **Os meios de comunicação como extensões do homem**. São Palo: Cultrix, 1964.

MORIN, E. **Introducción al pensamiento complejo**. Madrid: Gedisa, 1994.

SELGAS, F. J. G. El ‘cuerpo’ como base del sentido de la acción. **Revista Española de Investigaciones Sociológicas**. Madrid, 68, 1994, pp. 41-83.

SERRES, M. **Hominescência**. São Paulo: Martins Fontes, 2003.

SOARES, Ismar. Alfabetização e Educomunicação: O papel dos meios de comunicação e informação na educação de jovens e adultos ao longo da vida. *In*: III TELECONGRESSO INTERNACIONAL DE EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS. 2004. São Paulo: USP, 2004.

SODRÉ, M. **A ciência do comum: notas para o método comunicacional**. São Paulo: Vozes, 2014.

TAVARES JR, Renato. **Educomunicação e expressão comunicativa**: A produção radiofônica de crianças e jovens no projeto educom.rádio. Dissertação de Mestrado, São Paulo: ECA/USP, 2007.

VIANNA, Klauss. **A Dança**. São Paulo: Summus, 2005.